

**cR** | Centro  
de Referência  
Paulo Freire



Instituto Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo do  
Centro de Referência Paulo Freire**

**[acervo.paulofreire.org](http://acervo.paulofreire.org)**

## Como a segunda maior empresa de Nova York está aplicando o método de Paulo Freire

Nos Estados Unidos o método de alfabetização do brasileiro Paulo Freire vem sendo utilizado nos programas educacionais da segunda maior empresa de Nova York, com o objetivo de desenvolver as habilidades de leitura, entre outras, de seus futuros funcionários. A empresa é a Consolidated Edison Company (Con. Ed.), que tem o monopólio da distribuição de luz, força e gás em Nova York.

O programa já existe há sete anos, mas nem sempre o método de Paulo Freire foi o utilizado. Como explicou Margaret Reagan, diretora de pessoal da empresa e que dirigiu a aplicação do método neste programa educacional. "Nós só utilizamos o método para os casos de adultos em nível muito baixo de aprendizado. Em geral, para os casos em que temos que ensinar a ler. Há dois anos eles não utilizam o método Paulo Freire, porque as turmas que têm chegado já estão num nível de aprendizado mais adiantado. Mas, diz ela, "seguramente voltaremos a empregá-lo, porque foi o que mais deu certo de todos os que tentamos". Com o método Paulo Freire, a Con. Edison conseguiu em 13 semanas o que em muitos casos as escolas públicas não conseguem fazer em 13 anos.

O grupo da Con. Ed. teve o primeiro contato com Paulo Freire em 1971, durante um curso de uma semana que ele deu na Fordham University em Nova York. "Nós já conhecíamos o trabalho dele", diz Margaret Reagan, "mas quando ele veio aqui, discutimos o método, trocamos opiniões e, partir daí, organizamos o nosso próprio programa. Em síntese, o que fizemos foi aprender o método com ele e então adaptar para os nossos estudantes e para o nosso país."

O método de Paulo Freire tem como um dos pontos essenciais a afirmação de que tão im-

portante como aprender a ler é o desenvolvimento de uma consciência social, ou seja, uma conscientização da situação responsável pelo analfabetismo. O aprendizado vem como uma arma que será utilizada para transformar aquela situação. Um ponto também importante do método é que o processo de aprendizado seja feito em cima dos problemas e temas que interessam ao grupo em questão.

O grupo de americanos que cuidou de sua adaptação para a realidade americana seguiu este segundo aspecto à risca. Como a maioria dos estudantes que participavam destes grupos morava em zonas muito pobres — praticamente favelas — de Nova York, grupos de educadores, psicólogos, artistas, sociólogos, assistentes sociais e representantes das comunidades foram para estas regiões sentir os problemas da área.

Partiram para a etapa de codificar visualmente estes problemas, mas neste caso não seguiram à risca as recomendações de Freire. Como o método do educador brasileiro está estruturado fundamentalmente para a alfabetização de camponeses, ele utiliza ilustrações simples nesta etapa do aprendizado. Mas, como explicou Margaret Reagan, "nós estávamos lidando com um grupo que cresceu envolvido por cartazes de publicidade e televisão, e que jamais se mobilizaria com simples desenhos. Trabalhamos então com vídeo-tape, com ensaios fotográficos e todo um material muito estimulante em termos visuais".

A cartilha utilizada durante o curso (que tem duração de 8 horas por dia durante 13 semanas) resultava sempre da transcrição das discussões do primeiro dia de aula em que são debatidos os temas que interessam ao grupo. E, como conta Margaret Reagan, "eles aprendiam a ler e soletrar e aprendiam gramática

utilizando suas próprias palavras, debatendo ao mesmo tempo o que eles haviam levantado como os seus problemas e num certo sentido se tornando mais conscientes do fato de que eram oprimidos".

Os temas discutidos nas cinco turmas em que o método Paulo Freire foi empregado (a primeira em 1971 e a última em 1975) variaram muito, mas alguns dos mais constantes foram as questões de preconceito em relação aos pretos americanos, os dramas dos portorriquenhos e os problemas de sua adaptação em Nova York, a questão da guerra do Vietnã. Entre outros, variando a profundidade das discussões em função do nível de consciência política do grupo. Os grupos tinham de 8 a 10 pessoas e as idades variavam de 18 a 45 anos. Em sua maioria os alunos eram pretos e portorriquenhos.

Um fato que Margaret Reagan ressalta como particularmente "fantástico" foi o que aconteceu quando o tema em discussão era "poder negro". Em alguns casos, a abordagem era muito superficial, conta ela, mas em outros a abordagem era muito profunda e havia muita curiosidade sobre os líderes do movimento dos negros, sobretudo os mais radicais. Eldridge Cleaver era presença obrigatória nas discussões. Cleaver foi um dos fundadores do Black Panther. Havia grande curiosidade em saber quem era ele, o que fazia, o que lia. E tudo isto foi levado ao ponto em que os estudantes concluíram que para saber tudo sobre Cleaver precisariam ler o livro que ele havia escrito. "Soul on Ice". O livro, no entanto, era de difícil leitura para o nível de aprendizado em que eles estavam, mas mesmo assim toda a turma comprou o livro e não poucos o leram.

Outro tema de discussão foi a própria empresa para a qual eles estavam se preparando

para entrar. E daí partiram para discussões sobre o tema do "Big Business", de que quem governa os Estados Unidos são os ricos e outras discussões em que chegaram à conclusão de que tinham capacidade para dirigir uma empresa. Mas sempre havia quem perguntasse: "Como você vai dirigir uma empresa, se você não sabe ler? E novamente eles chegavam à conclusão de que precisavam aprender a ler, precisavam ter mais conhecimento, em vez de ficarem repetindo o que ouviam.

Enfim, conclui Margaret Reagan, "o grande resultado do curso com a aplicação do método Paulo Freire foi a motivação para a leitura que criou nos alunos".

Recentemente, ao ser procurada pelo jornal "The New York Times" para uma reportagem sobre o método que ela vem utilizando (reportagem que saiu no último domingo num caderno especial sobre educação), Margaret foi procurar alguns dos primeiros alunos em que aplicou o método.

Seu depoimento: "Eles acabaram fazendo o que queriam fazer na vida. Na realidade, esta foi a conclusão do curso, de que o que eles queriam na realidade era todas as coisas da classe média, todas as coisas das quais estavam fazendo pouco. E que se procurássemos por eles dentro de cinco anos, eles teriam conseguido tudo. E aconteceu exatamente isto. Eles têm emprego, eles têm dinheiro, eles estão comprando casa e querendo cada vez mais ter as coisas. Basicamente eles não eram revolucionários. O que queriam era ter tudo que os outros tinham e eles não. E agora conseguiram".

Maria Costa Pinto,  
nossa correspondente  
em Nova York.

JORNAL DA  
TARDE

CA/05/77